

Panel Three: Inhabited Geographies of Life Writing

1. Kyler Chittick, York U [kichittic@ualberta.ca]

Life and Death in the City: AIDS, Neoliberalism, and the Urban Cultural Text

As evidenced by Jane Jacobs' seminal work *The Death and Life of Great American Cities* (1961) and Ben Judah's *This is London: Life and Death in the World City* (2016), the theme of "life and death" has pervaded books written about cities across various genres. Indeed, many urban sociologists and political economists, as well as novelists and other creative writers, have attempted to capture the ebb and flow of urban space with the written word. However, the theme of "life and death" in the city has never been more literally engaged with than in texts that address the emergence of HIV/AIDS in New York City in the early 1980's. In memoirs like Sarah Schulman's *Gentrification of the Mind: Witness to a Lost Imagination* (2012), and non-fiction works like *Tim Lawrence's Life and Death on the New York Dance Floor, 1980-1983* (2016), the HIV/AIDS epidemic's hastening of broader sociopolitical processes, including gentrification and urban neoliberalization, is carefully explored. The same is true in documentary films and oral history projects, including *The Lower East Side Biography Project's Beyond Queer: Voices from Bohemian New York* (2012). In many ways that I demonstrate in this paper, several urban cultural texts, including "urban memoirs" and "urban documentaries," provide unique accounts of gentrification and neoliberal urbanism. In many cases, these accounts reveal the deleterious effects of HIV/AIDS and its overlap with neoliberal economics and urban neoliberalization on queer urbanity. Further, the paper explores the benefits of analyzing urban cultural texts to urban political economy and sociology; disciplines that tend not to acknowledge the entwinement of HIV/AIDS, neoliberalism, and gentrification.

Vida e morte na cidade: aids, neoliberalismo e o texto cultural urbano

Como evidenciado pela obra seminal de Jane Jacobs, 'The Death and Life of Great American Cities' [A morte e a vida das grandes cidades americanas, em tradução livre] (1961), e 'This is London: Life and Death in the World City' [Esta é Londres: vida e morte na cidade mundial] (2016), de Ben Judah, o tema da "vida" e da "morte" tem permeado livros escritos de vários gêneros sobre cidades. De fato, muitos sociólogos urbanos e economistas políticos, bem como romancistas e outros escritores criativos, têm tentado captar o movimento e o fluxo do espaço urbano com a palavra escrita. Entretanto, o tema da "vida" e da "morte" na cidade nunca foi tão literalmente engajado quanto nos textos que abordam o surgimento do HIV/aids na cidade de Nova York no início dos anos 1980. Em memórias como 'Gentrification of the Mind: Witness to a Lost Imagination' [A gentrificação da mente: testemunha de uma imaginação perdida] (2012), de Sarah Schulman, e obras não-ficcionais como 'Life and Death on the New York Dance Floor, 1980-1983' [Vida e morte na pista de dança de Nova York] (2016), de Tim Lawrence, a aceleração causada pelo HIV/aids em processos sociopolíticos mais amplos, incluindo gentrificação e neoliberalização urbana, é cuidadosamente explorada. O mesmo é verdade em documentários e projetos de história oral, incluindo 'Beyond Queer: Voices from Bohemian New York' [Além do queer: vozes de boêmios nova-iorquinos] (2012), do The Lower East Side Biography Project. De muitas maneiras, que demonstro neste artigo, vários textos culturais

urbanos, incluindo "memórias urbanas" e "documentários urbanos", fornecem relatos únicos de gentrificação e urbanismo neoliberal. Em muitos casos, esses relatos revelam os efeitos deletérios do HIV/aids e sua sobreposição com a economia neoliberal e a neoliberalização urbana na urbanidade queer. Além disso, o artigo explora os benefícios da análise de textos culturais urbanos para a economia política e sociologia urbana, disciplinas que tendem a não reconhecer a relação entre o surgimento do HIV/aids, o neoliberalismo e a gentrificação.

[Traduzido por Jarson Araújo - jarsondsantos@gmail.com]

Kyler Chittick is a graduate student in Political Science at York University (Toronto). He graduated with a Bachelor of Arts (Honors) in Political Science at the University of Alberta (Edmonton) in 2016, where he completed an undergraduate thesis on the gentrification of queer spaces in New York City. While he continues to investigate the intersections of queerness and spatiality in his current research, he maintains interests in cinema studies, affect theory, continental philosophy and gender/sexuality studies. His academic work can be found in the University of Alberta's Education and Research Archive, while his fiction has been published in the magazine *Glass Buffalo*.

2. Susan Ingram, York U [singram@yorku.ca]

From Rationing to Ravishing: Crossing Lines in Vancouver

From September 17, 2014, to March 8, 2015, the Museum of Vancouver played host to an exhibition that staged the city's transformation in the immediate post-WWII years as it went from a war-based economy to a burgeoning consumer society. Based on the collections of guest curators Ivan Sayers and Claus Jahnke, it featured 85 garments plus accessories that traced how the female experience in the city went from coping with austerity to showing off the availability of conspicuously sumptuous clothing to their best advantage. Approaching the exhibition as a material form of life-writing, I situate the exhibition both in terms of Sayers' and Jahnke's work as collectors and the museum's as a public institution with the capacity to contribute to Vancouver's globalizing image.

This presentation thus pushes the conceptual boundaries of what constitutes life writing and expands its interdisciplinary methods of study by looking at a display of material artefacts from Vancouver's immediate post-war period, and specifically at their styling, which I argue infuses some of the city's current style into the usually staid or gritty representations of Vancouver's past. By comparing the exhibition with both other exhibitions that the curators have put on in the city and other contemporary cultural productions, I show how "From Rationing to Ravishing" provides the boutique metropolis that Vancouver has become with a backstory that draws attention to key aspects of the present, including the role of fashion in the growth of the city's retail sector and its ability to cross the lines of gender, class, and race that continue to mark the city's imaginary.

Do Racionamento ao Encantador: Cruzando Fronteiras em Vancouver

De 17 de setembro de 2014 a 8 de março de 2015, o Museu de Vancouver fez uma exposição da transformação da cidade na pós Segunda Guerra Mundial, desde que foi de uma economia

baseada na guerra até uma crescente sociedade de consumo. Baseada nas coleções dos curadores convidados Ivan Sayers e Claus Jahnke, ela apresentou 85 vestuários, além de acessórios, que traçaram como a experiência feminina na cidade foi de lidar com a austeridade para mostrar a disponibilidade de roupa conspicuamente suntuosa da melhor maneira. Tratando da exibição como um material de escrita biográfica, eu situo a exposição tanto em termos do trabalho como colecionadores de Sayers e Jahnke como também do museu como uma instituição pública com a capacidade de contribuir a globalização da imagem de Vancouver.

Essa apresentação, portanto, impulsiona o limite conceitual do que constitui a escrita biográfica e expande os seus métodos interdisciplinares de estudo olhando para uma exibição de artefatos do imediato período pós-guerra de Vancouver, e, especificamente, ao estilo deles, ao qual argumento que infunde alguns dos estilos atuais da cidade na representação comumente respeitável ou corajoso passado de Vancouver. Ao comparar a exposição com outras duas exposições que os curadores apresentaram na cidade e outras produções culturais contemporâneas, eu mostro como “From Rationing to Ravashing” fornece a metrópole boutique que Vancouver se tornou com uma história de fundo que atrai atenção para aspectos-chave do presente, incluindo o papel da moda no crescimento do setor de vendas da cidade e sua habilidade de atravessar as linhas de gênero, classe, e raça que continuam a marcar o imaginário da cidade.

[Traduzido por Igo Henrique de Oliveira Bilro - igo.bilro@gmail.com]

Susan Ingram is Associate Professor in the Department of Humanities at York University, where she is affiliated with the Canadian Centre for German and European Studies and the Research Group on Language and Culture Contact. She is the general editor of Intellect Book’s Urban Chic series, the co-author of the volumes on Berlin and Vienna, and the editor of the World Film Locations volume on Berlin. A past president of the Canadian Comparative Literature Association, her research interests revolve around the institutions of European cultural modernity and their legacies.

3. T. Trimble, U of Toronto [s.trimble@utoronto.ca]

Writing through the Walls: Shirley Jackson, House/Wife

Shirley Jackson’s writing career was haunted by questions of genre. The mid-century New England writer is best known for her eerie novels about women whose selves splintered under the pressure of the houses they inhabited—a story famously told in *The Haunting of Hill House* (1959). But she also wrote humorous sketches of family life for popular women’s magazines, selections of which she collected into the memoirs *Life Among the Savages* (1953) and *Raising Demons* (1957). As Jackson biographer Ruth Franklin (2016) observes, this supposed schism bothered critics, who regularly commented on Jackson’s split writer/housewife persona. But Jackson’s memoirs sound some of the same uncanny notes as her fictions—a new family home “insists” that the furniture is arranged just so—and her fictions derive their creeping dread from the writer’s experiences of the everyday violence of small-town life and the patriarchal family form. Shirley Jackson’s generic dexterity results in a body of work that depicts the family home as a locus of warmth, comfort, imagination, constraint, and entrapment—an undecidability mirrored in the writer’s own struggles with agoraphobia near the end of her life.

Beginning with “an expanded concept of the autobiographical signature or trace” (Brophy and Hladki 2014, 6), this paper reads across the generic seams of Jackson’s writing. Articulating key scenes from her memoirs with details from her two final novels—*Hill House* and *We Have Always Lived in the Castle* (1962)—I frame Jackson as reaching towards a new “home” capacious enough to give her multiple, conflicting selves room to breathe. Following Marlene Kadar (1992), I argue that Jackson’s writings “manifest various subject-locations for the self to inhabit” (131). By endlessly revising the story of a woman and a house, she conjures “witchy” new feminine subjectivities—and worlds inventive enough to house them.

Sexo e gênero nas Américas: escrevendo através das paredes: Shirley Jackson, dona de casa/esposa

A carreira da escritora Shirley Jackson foi assombrada por questões de gênero. A escritora da Nova Inglaterra de meados do século XX é mais conhecida por seus romances assustadores de mulheres assombradas por fantasmas nas casas onde moravam — uma história famosa é contada em ‘The Haunting of Hill House’ [lançado no Brasil como ‘Assombração na Casa da Colina’] (1959). Mas ela também escreveu bem-humorados esboços da vida familiar para revistas femininas populares, seleções do que ela extraiu de suas próprias memórias, ‘Life Among the Savages’ [‘Minha Vida Entre os Selvagens’] (1953) e ‘Raising Demons’ [Criando demônios, em tradução livre] (1957). Como observa a biógrafa de Jackson, Ruth Franklin (2016), esta suposta cisma incomodava os críticos, que regularmente comentavam sobre a personalidade de Jackson, escritora e dona de casa. Mas as memórias de Jackson soam algumas das mesmas notas estranhas que suas ficções — uma nova casa de família “exige” que os móveis sejam arranjados com simplicidade —, que derivam seu medo arrepiante das experiências diárias de violência de cidade pequena e da forma patriarcal de família. A destreza genérica de Shirley Jackson resulta em um corpo de trabalho que retrata a casa da família como um locus de calor, conforto, imaginação, constrangimento e aprisionamento — uma indecidibilidade espelhada nas próprias lutas da escritora com a agorafobia, já perto do fim de sua vida.

Começando com “um conceito ampliado de traço ou assinatura autobiográfica” (Brophy e Hladki 2014, 6), esta pesquisa vislumbra através das costuras genéricas da escrita de Jackson. Articulando cenas-chave de suas memórias com detalhes de seus dois últimos romances — ‘Hill House’ e ‘We Have Always Lived in the Castle’ [‘Sempre vivemos no castelo’] (1962) —, imagino Jackson indo em direção a uma nova “casa”, grande o suficiente para dar aos seus “eus” múltiplos e conflitantes espaço para respirar. De acordo com Marlene Kadar (1992), eu argumento que os escritos de Jackson “manifestam vários sujeitos-locais onde o ego pode habitar” (131). Ao revisar infinitamente a história de uma mulher e de uma casa, ela evoca novas subjetividades femininas “bruxas” — e mundos criativos o suficiente para abrigá-las.

[Traduzido por Demétrio M. da Silva - demetrio_max@hotmail.com]

S. Trimble is Assistant Professor at the Women and Gender Studies Institute at the University of Toronto. I engage with the critical perspectives afforded by black feminist thought, queer theory, and Atlantic counter-histories to analyze dominant narratives about apocalyptic landscapes and haunted houses—“bad” futures that both support and potentially undo conservative storytelling.

IABAA 2017

My essays have appeared in scholarly journals including *The Journal of Education, Pedagogy, and Cultural Studies*, *Contemporary Women's Writing*, and *TOPIA*. And my personal website, proftrimble.com, includes my latest attempts to think through a self shaped by weird fictions.